





## CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE BRUNO DE MENEZES\*

Francisco Paulo Mendes

Comemora-se, em março deste ano de 1993, o centenário do nascimento de Bento Bruno de Menezes Costa, poeta e ficcionista paraense e legítimo representante do nosso *Modernismo*, influenciado que foi pela famosa Semana Paulista de Arte Moderna, de 1922, movimento que deu, marcadamente, uma aguda e forte consciência nacional à literatura brasileira. Para nós, da segunda geração do *Modernismo paraense*, Bruno de Menezes foi o nosso antecessor maior, o mais admirado e respeitado. À sua contribuição o poética soma-se uma; não menos relevante, prosa de ficção (a novela *Maria Dagmar* e o romance *Candunga*). Decorre, assim, por tudo isso a importância de Bruno de Menezes no *Modernismo* paraense.

Bruno educado, primeiramente, pela poética simbolista, de “la musique avant toute chose”, dela jamais se libertaria de todo e por ela estaria preparado para captar, à custa da música negra, novas harmonias, novos ritmos e novos timbres e, assim, poder transpô-los para os versos sugestivos de *Batuque*, verdadeira “descoberta” para a construção de uma poesia original e regional,

\* Texto integral já publicado na apresentação de “Obras Completas de Bruno de Menezes” publicadas pelo governo do Estado do Pará, em co-edição com a editora CEJUP, em edição especial, Série Lendo o Pará.

realizando, desse modo, um “modernismo” caracteristicamente nosso. Foi esta a sua contribuição maior e mais valiosa para a poesia paraense. A *modernidade* de Bruno já se havia anunciado prematuramente, num pressentimento estético, no seu poema *Arte Nova*, datado de 1920, onde se encontra o seguinte verso:

Eu quero uma arte original

Em um dos seus sonetos mais antigos, também de 1920, já revela o seu desejo de “novo”, de uma renovação da poesia. Sua poética, porém, jamais foi intransigente com as formas e musicalidade que vinham do passado. Assim é que nunca cessaria sobre seus versos a influência do *Simbolismo*, o que se verifica, notadamente, em coleções posteriores, como **Bailado Lunar**, de 1924, **Lua Sonâmbula**, de 1953. Ele mesmo observava: “A poesia dagora é mais sugestão que impressão”. Sugerir é o inverso de dizer abertamente. Conceito puramente simbolista. Revela, então, sua tolerância quanto ao modo de poetar e teorias políticas: *Discutir preferência estética! Cada qual tem seu gosto superior ou banal de estesia.*

Consideramos, hoje, em relação à poesia de sua época, do *Modernismo* paraense, que a contribuição de Bruno de Menezes foi verdadeiramente revolucionária e criadora. Acrescente, também, haver inaugurado ele, com **Maria Dagmar** e **Candunga**, a novela e o romance realistas, engajados em uma preocupação social e na constatação das injustiças sofridas duramente mais tarde, entre nós, em Dalcídio Jurandir um brilhante e talentoso continuador.

Devemos lembrar, ainda, o Bruno estudioso e dedicado pesquisador das coisas nossas, a sua valiosa contribuição para o estudo do folclore paraense e o Bruno, homem de ação, em sua pregação e luta no Movimento Cooperativista.

Bruno de Menezes se foi um dos maiores escritores, foi também, e acima de tudo, um homem bom e íntegro. E isso vale por seu maior elogio, nesse momento em que comemoramos, comovidamente, seu centenário de nascimento.